



REVISTA DA ANINTER-SH
Volume 3, 2026 – Artigo: 10
ISSN: 2965-954X
Received: 25/09/2026
Accepted: 14/10/2026

D.O.I. <http://dx.doi.org/10.69817/2965-954X/v3a10>

OS ARAUTOS DE EDDIE CONTAM HISTÓRIA: REFLEXÕES HISTÓRICAS NAS CANÇÕES DO IRON MAIDEN

EDDIE'S HERALDS TELL THE STORY: HISTORICAL REFLECTIONS IN IRON MAIDEN'S SONGS

Hamilcar Silveira Dantas Junior

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia,
Professor Titular do Depto. de Educação Física e do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em
Cinema e Narrativas Sociais da UFS (PPGCINE/UFS)

hamilcar72@academico.ufs.br

<https://orcid.org/0000-0002-7676-7019>

Onesino Elias Miranda Neto

Historiador, Mestre em Cinema e Narrativas Sociais (UFS), Membro pesquisador do Instituto Histórico
e Geográfico de Sergipe e do Grupo de Pesquisa Cine HISport/UFS. Professor de História na
Educação Básica, no Serviço Social da Indústria-SESI.

<https://orcid.org/0000-0001-8904-0364>

RESUMO

Este artigo propõe investigar as possibilidades de reflexão histórica presentes nas canções do Iron Maiden que apresentam temáticas relacionadas à História. Para tanto, após um retrospecto histórico da trajetória da banda, tanto histórica quanto estilística, realizou-se um levantamento e uma catalogação das canções da banda com conteúdo histórico, considerando os álbuns oficialmente lançados e identificando, em cada composição, os acontecimentos, personagens, períodos e processos históricos mobilizados. Paralelamente, analisamos os possíveis nexos estabelecidos entre essas canções e outras produções culturais, especialmente obras literárias e cinematográficas que possam ter servido como referências, fontes de inspiração ou elementos de diálogo para a elaboração das narrativas musicais. Concluímos que, o Iron Maiden construiu uma tradição de refletir sobre a História, dando voz e visibilidade a grandes personagens históricos, mas também a indivíduos anônimos envolvidos no calor dos acontecimentos. Da pré-história ao mundo contemporâneo, passando por grandes contendas da antiguidade, pelas cruzadas medievais e por conflitos revolucionários no nascedouro da modernidade, suas canções nos colocam, como ouvintes, no centro das experiências pessoais dos que vivem situações de guerra, condenação e morte.

Palavras-chave: Iron Maiden; Canções; História; Reflexão histórica.

ABSTRACT

This article proposes to investigate the possibilities of historical reflection present in Iron Maiden songs that address historical themes. To this end, after a historical overview of the band's trajectory, both historically and stylistically, a survey and cataloging of the band's songs with historical content was

carried out, considering the officially released albums and identifying, in each composition, the events, characters, periods, and historical processes mobilized. In parallel, we analyzed the possible connections established between these songs and other cultural productions, especially literary and cinematographic works that may have served as references, sources of inspiration, or elements of dialogue for the elaboration of the musical narratives. We conclude that Iron Maiden has built a tradition of reflecting on history, giving voice and visibility to great historical figures, but also to anonymous individuals involved in the heat of events. From prehistory to the contemporary world, passing through great conflicts of antiquity, the medieval crusades, and revolutionary conflicts at the dawn of modernity, their songs place us, as listeners, at the center of the personal experiences of those who live through situations of war, condemnation, and death.

Keywords: Iron Maiden; Songs; History; Historical reflection.

“Fujam para as colinas! Fujam por suas vidas!”, há 34 anos canta, com sua voz visceral, Bruce Dickinson, embalado pelos riffs distorcidos das guitarras de Dave Murray e Adrian Smith, sob o contrabaixo tonitruante de Steve Harris, enquanto qualquer plateia do Iron Maiden, em qualquer rincão do planeta, entoa junto e delira com o conclame à fuga. Mas por que fuga? Para quais Colinas? Por que fugir por sua vida? A que a banda está se referindo? Tais questões ressoam como curiosidade a todo e qualquer indivíduo que tome contato com as canções do Iron Maiden. Seus fãs, já habituados, reconhecem que a banda trafega entre os estereótipos do Heavy Metal (sobrenatural, macabro, ocultismo), mas principalmente entre referências cinematográficas, literárias e eventos históricos.

Não obstante o trabalho de Meller (2018) já se aprofundar em algumas letras que convergem ao diálogo com esses eventos históricos, propomos fazer um levantamento, na obra do Iron Maiden, das canções que tratam efetivamente de temas históricos, traçando um panorama da complexidade de suas temáticas e de suas possibilidades enquanto produtos culturais que nos oportunizem refletir sobre a história humana.

Pensar tal empreitada em uma perspectiva interdisciplinar pressupõe colocar em jogo, uma série de diálogos possíveis entre saberes, buscando as frestas que a ciência e as artes compartilham para estabelecer leituras possíveis do mundo. Isto posto, pensamos nas sinuosidades presentes na história da sociedade diante da construção cultural. Pensamos uma humanidade que emoldura arquétipos, linguagens estéticas e cosméticas sociais que possibilitam se ver diante da arte, tal como na observação do ato de fomento do fenômeno artístico, ou seja, a aura da habilidade técnica. Perspectivamos, conforme assevera Benjamin (2019), que tal ação leva o indivíduo a observar calmamente, em uma tarde de verão, uma paisagem montanhosa no horizonte, ou um ramo de árvore que joga sua sombra sobre o observador. As canções do Iron Maiden nos possibilitam contemplar essa montanha e receber essa sombra da história. Além disso, no processo múltiplo e ímpar de transposição do ser ao passado, não de forma anacrônica, mas de criticidade, esse grupo musical supera a ideia de grande empresa de entretenimento e de vendas, pois mesmo nesse debate, como afirma Adorno (2002), o crítico da cultura se alimenta da teimosia mítica da cultura. Esse momento

pode ser exemplificado no ano de 1998, onde uma banda britânica refere-se à Guerra das Malvinas em uma mensagem pacifista fraterna, endereçada aos argentinos, em face à música *Como estais, amigo?* do álbum “*Virtual XI*”.

A relação entre Arte e História constitui um campo amplo de possibilidades para a compreensão das sociedades, de suas experiências, conflitos, valores e formas de representação do passado. Embora a produção do conhecimento histórico esteja tradicionalmente associada a documentos escritos e a outros registros produzidos em determinados contextos sociais, desde os avanços propostos pela Terceira Geração da Escola dos Annales na década de 1960, as manifestações artísticas também se constituíram formas de representação e reflexão sobre acontecimentos históricos. Neste sentido, pinturas, obras literárias, produções cinematográficas e, de modo particular aqui, a música, podem apresentar diferentes formas de interpretar, ressignificar e tornar presentes experiências do passado. A obra de arte, portanto, pode ser compreendida não apenas como resultado objetivo de seu contexto de produção, mas também como espaço de construção de sentidos e de diálogo com diferentes temporalidades.

Entre as manifestações artísticas capazes de estabelecer relações significativas com a História encontra-se a música popular. No campo das ciências humanas, desde as reflexões de Adorno e Horkheimer (2006) sobre a indústria cultural e seu processo de mistificação das massas e alienação dos sentidos, ante uma absorção esvaziada de sentido da sociedade, passando pelas provocações de Bourdieu (2007) de que as artes são marcadores de distinção social que funcionam como capital cultural, reprodutor das divisões de classe, não é possível desconsiderar o impacto sócio-histórico das canções, seja como meio de catarse simplesmente, seja por meio de alienação, ou mesmo de emancipação.

Entendemos que cada canção, por meio de suas letras, sonoridades e referências culturais, pode abordar acontecimentos, personagens, conflitos e processos históricos, contribuindo para a construção de representações crítico-reflexivas acerca do passado. Nesse processo, a música não deve necessariamente ser compreendida como uma reprodução positivo-objetiva dos acontecimentos históricos, mas como uma forma particular de interpretá-los e representá-los. A análise dessas produções permite, assim, investigar quais acontecimentos são selecionados, de que maneira são narrados e quais sentidos são atribuídos a eles, considerando também as relações estabelecidas entre a produção artística e o contexto histórico-cultural, no qual se insere.

É partindo deste cenário que buscamos situar a produção musical da banda britânica de heavy metal, Iron Maiden, cuja trajetória alcançou expressiva relevância artística no cenário da música popular e significativa projeção internacional, desde os anos 1980. O alcance mundial de sua produção traduz um repertório eivado de referências literárias e

históricas, significativo para a investigação das formas pelas quais determinados acontecimentos históricos são transformados em narrativas musicais e posteriormente difundidos para públicos diversos.

As letras do Iron Maiden, nesse sentido, podem constituir uma importante base para a reflexão histórica, uma vez que estabelecem relações com acontecimentos e personagens do passado e, em determinados casos, dialogam diretamente com outras manifestações artísticas e culturais. Os músicos e compositores da banda travestem-se em suas gravações, sobretudo em suas performances ao vivo, sombreados pela figura de Eddie, o morto-vivo/mascote da banda em suas múltiplas versões, como arautos contadores de História, problematizadores de grandes eventos da humanidade. Desse modo, entendemos que a catalogação, descrição e análise do repertório da banda possibilita não apenas identificar as temáticas históricas abordadas, mas também compreender os processos de seleção, representação e resignificação envolvidos em sua transformação em obra musical.

Diante disto, este artigo propõe investigar as possibilidades de reflexão histórica presentes nas canções do Iron Maiden que apresentam temáticas relacionadas à História. Para tanto, pretende-se realizar um levantamento e uma catalogação das canções da banda com conteúdo histórico, considerando os álbuns oficialmente lançados e identificando, em cada composição, os acontecimentos, personagens, períodos e processos históricos mobilizados. Paralelamente, serão analisados os possíveis nexos estabelecidos entre essas canções e outras produções culturais, especialmente obras literárias e cinematográficas que possam ter servido como referências, fontes de inspiração ou elementos de diálogo para a elaboração das narrativas musicais.

Iron Maiden e seu contexto sócio-histórico

As origens do Rock n'roll são das mais controversas, mas é certo que a efervescência do mesmo se deu nos anos 1950 nos Estados Unidos quando diversas tradições musicais, principalmente de origem afro-estadunidense foram se conformando, misturando *jazz*, *blues*, *rhythm and blues*, *country* e *gospel*, em uma verdadeira bricolagem musical. A absorção do ritmo e do modo de ser do rock por parte da juventude, sua vinculação a artistas como Chuck Berry, Little Richard, Jerry Lee Lewis e Elvis Presley incendiaram a América e se espalharam pelo mundo.

A travessia do Atlântico em direção à outrora potência colonizadora, a Inglaterra, produziu uma assimilação, mas sobretudo uma transformação estético-cultural que resultará na redefinição, diversificação e, por muitas vezes, impossível classificação do gênero musical. A pujança musical e redefinição de modos de existência produzidas pelos Beatles e Rolling Stones, proporcionou diversificações que gestaram a potência musical ensurdecadora do The

Who, Led Zeppelin e Deep Purple, a sofisticação erudita do Yes, Genesis e Pink Floyd, bem como o nascedouro do que se chamaria Heavy Metal com o Black Sabbath, mesclando ocultismo, sobrenatural, menções a demônios e congêneres.

O Heavy Metal amplificou a radicalidade do Hard Rock inglês distorcendo as guitarras, tornando a fusão baixo e bateria uma base essencial para uma potência sonora jamais ouvida, além de fabricar uma estética própria nos modos de se vestir, se portar, se agrupar. Não obstante, os anos 1970, em todo mundo, mas notadamente na Inglaterra, se revelaram um período de crise econômica e desemprego juvenil que se refletiria em uma nova tendência musical, mais agressiva e questionadora, o Punk. Em larga medida, os *headbangers* (fãs de Heavy Metal) se retraíram ante a agressividade com arcabouço político dessa nova tendência estético-existencial que negava qualquer sofisticação musical.

Essa década marca transformações estéticas latentes no cinema e na música. Na sétima arte e na indústria fonográfica, o mundo passava pela pós-“Novas Ondas”, viviam-se as incertezas e as utopias de um mundo cravejado pela Guerra do Vietnã e pelas lutas sociais. Tempos de impactos no útero da sociedade Ocidental, sendo esta uma construtora de um verniz liberal, mas enraizada nas estruturas conservadoras, assassinatos de Harvey Milk, Martin Luther King, Malcom X e Che Guevara levavam os anos do início de 1970 à dubiedade e à oscilação social que fomentou na Inglaterra desse período a cultura da violência como reação humana de resistência, visto no movimento punk. Para Muggiati (1985) essa violência, aliás, estava presente nas guerras destes idos anos, na onda terrorista do Setembro Negro, nos grupos políticos radicais, como Baader-Meinhof, ETA ou IRA, e ressoava nas plateias punks, onde se contemplava o ritual de se regar com cerveja, cuspir nas bandas e os músicos reagindo, vomitando no palco.

Nesse ambiente, conforme demonstra Mick Wall (2013) dois amigos londrinos, Steve Harris e Dave Murray, na contramão do furor punk, resolvem montar uma banda de Heavy Metal com todas as influências macabras e ocultistas, também críticas à organização religiosa da Inglaterra, com o nome de Iron Maiden. Com todas as dificuldades de se apresentar nas noites dos pubs ingleses, o Iron Maiden foi construindo seu nome e conquistando espaço com sua formação original: Harris no contrabaixo, Dave Murray e Dennis Stratton, nas guitarras, Clive Burr na bateria, enquanto nos vocais se apresentava Paul D’ianno. Essa formação inicial do Iron Maiden começa a ganhar projeção quando o jornalista Geoff Barton, da Revista *Sounds*, de ampla circulação na Inglaterra, destaca suas apresentações musicais e demarca o surgimento de uma nova tendência:

Ele tinha certeza de que um movimento borbulhava fora das vistas da mídia, e acreditava que o Maiden representava seu maior expoente. Ele até mesmo batizou a tendência com uma sigla impronunciável: NWOBHM (*New Wave Of British Heavy Metal*), ou

seja, a nova onda de heavy metal britânico. [...] Foi algo bom para os fãs de rock de verdade, que literalmente haviam ficado por baixo, escondendo-se nos seus guarda-roupas, esperando o punk desaparecer para que pudessem emergir mais uma vez, como aquela tribo de cabeludos das cavernas (Wall, 2013, p. 77).

O Iron Maiden, e outras bandas como o Samson, o Def Leppard eram a expressão da nova onda na qual cada um seguiu sua história com maior ou menor profundidade e amplitude, tanto no repertório de suas canções, quanto no alcance com o público internacional. Certamente, principalmente dada sua longevidade, haja vista que já são 50 anos em atividades com diversas formações, mas capitaneadas pelos seus dois fundadores, o Iron Maiden se estabeleceu como uma das maiores bandas de heavy metal da história.

Segundo os estudos de Meller (2018), alguns elementos distinguem, de maneira indubitável, o Iron Maiden: a elaboração de narrativas complexas em suas letras; o diálogo constante com acontecimentos históricos; as referências à literatura, ao cinema e às mitologias de povos diversos; uma identidade visual marcante, simbolizada pelo mascote Eddie, principalmente pelas artes impressas nas capas de seus álbuns, marcadas por vários anos pelo trabalho de Derek Riggs; sobretudo, uma inovação musical sem ruptura completa com a tradição do heavy metal, com uma marca indelével, uma verdadeira “linha histórica”, que percorre diferentes períodos, desde a Pré-História até a Segunda Guerra Mundial

A ênfase na narrativa histórica é uma preocupação latente da banda, seu escopo intelectual é imbricado desde a escolha do nome Iron Maiden, título que se preocupa em delimitar a Idade Média e seus reflexos na sociedade pós-industrial, para Vieira (2017) o nome Iron Maiden tem como tradução mais límpida o instrumento de tortura e execução Donzela de Ferro, mas cujo único exemplar foi achado no século XIX, mais precisamente no Sacro Império Germânico, sendo assim, Steve Harris aproximou-se dessa inspiração ao assistir ao filme “O Homem da Máscara de Ferro” de 1939, do cineasta James Whale.

No entendimento de Meller (2018), o Iron Maiden não pode ser reduzido a uma banda de entretenimento musical: sua produção constitui uma manifestação cultural capaz de dialogar com diferentes campos do conhecimento, especialmente com a História, devido à recorrência de referências históricas em seu repertório. Deslocando essa contribuição para o campo pedagógico, o autor propõe utilizar as canções do Iron Maiden como recurso didático no ensino de História, no qual as canções se traduzem como documentos históricos de seu tempo, mas também como instrumentos de aprendizagem significativa para estudantes do Ensino Médio.

Para tanto, usa alguns exemplos que são fundamentais, aos quais nos reportamos a seguir. Primeiramente, a composição de Steve Harris, lançada em 1986, no álbum “*Somewhere in time*” (Iron Maiden, 1986), *Alexander, The Great*. Esta canção aborda a

trajetória de Alexandre, o Grande, narrando episódios relacionados à expansão do Império Macedônico no século IV A.C. Nesta obra é possível despertar atenção à formação do império, suas conquistas militares, a dimensão e alcance do mundo helenístico, bem como as relações entre o que era conhecido na antiguidade como Oriente e Ocidente, além da própria concepção de como se compreendia uma liderança política à época. A construção épica da canção não se encerra em narrar os feitos alexandrinos, mas permite também apreender as representações tecidas sobre Alexandre ao longo do tempo.

Para além da expressão histórica explícita nesta composição, o Iron Maiden fez do álbum *"Somewhere in time"* (Iron Maiden, 1986), um mosaico extraordinário de autorreferências, referências literárias, cinematográficas e históricas. As ilustrações da capa, criada por Derek Riggs, estão repletas de mensagens ao público. No canto superior direito da capa frontal, onde o nome da rua alude à 22 *Acacia Avenue* em correlação ao álbum *"The number of the beast"* (Iron Maiden, 1982), logo abaixo o pôster do Eddie e a presença da imagem da cesta de lixo como citação ao primeiro LP da banda, o *"Iron Maiden"* (Iron Maiden, 1980). Vislumbram-se também: o "Olho de Horus", símbolo egípcio de proteção que está presente no disco *"Powerslave"* (Iron Maiden, 1984); o gato preto do álbum *"Live after death"* (Iron Maiden, 1985); a citação ao diretor da produtora fonográfica EMI, Charlie Webster, no peito do Eddie; o símbolo da banda, assinatura do próprio Derek Riggs; o relógio na contracapa marcando 23:58 em analogia à música *2 minutes to Midnight*, do disco *"Powerslave"* (Iron Maiden, 1984); o nome do teatro na contracapa é uma alusão ao clássico *Phantom of The Opera*, presente no primeiro LP. Seguem novas referências: o *"Aces High Bar"* e a presença de um avião para identificar-se com a primeira faixa do disco *"Powerslave"* (Iron Maiden, 1984); presente em um letreiro de um dos prédios está *"Sand Dune"* na tradução em português, duna de areia, para lembrar a música *"To Tame a Land"* do álbum *"Piece of Mind"* (Iron Maiden, 1983) baseada no livro de Frank Herbert, *"Duna"*, que havia sido lançada no cinema sob a direção de David Lynch em 1984; a morte com a foice para identificar correlação ao *"Live after death"* (Iron Maiden, 1985); a presença do nome de Phillip K. Dick, escritor do livro *"Do Androids Dream of Electric Sheep?"* que serviu de inspiração para Ridley Scott filmar *"Blade Runner"* em 1982, sendo esta, a principal referência da capa deste disco de 1986.

Tais dinâmicas estético-visuais, demonstram a preocupação em fazer história, referenciar a história e fazerem-se partícipes da história: o belo artístico entra como fonte e lugar de produção do passado. Para Barros (2020) todo projeto de historicidade (no qual colocamos essa obra do Iron Maiden), para a compreensão dos textos historiográficos, permite identificar que o texto do historiador será fonte dos futuros historiadores. Compreendemos *"Somewhere in time"* (Iron Maiden, 1986) como logos da historiografia, como

lembrete de que *Clio* possibilita ao observador da história, fazer História.

Noutro exemplo, a canção *Aces High*, também composta por Steve Harris, para o álbum “*Powerslave*” (Iron Maiden, 1984), nos transporta para o cockpit de um *Supermarine Spitfire*, vivenciando o ponto de vista de um piloto britânico da Força Aérea Real Britânica (RAF) durante a Batalha da Grã-Bretanha, em 1940, o primeiro combate militar aéreo a ser travado durante a Segunda Guerra Mundial. A análise de Meller (2018) evidencia como a letra constrói a perspectiva do piloto de combate, permitindo explorar conteúdos como: as batalhas aéreas, suas estratégias militares, as experiências encarniçadas dos combatentes, por fim, a memória dos conflitos.

No álbum anterior, “*Piece of mind*” (Iron Maiden, 1983), uma nova composição de Steve Harris chamada *The Trooper* reporta o ouvinte à Guerra da Crimeia, um conflito que se estendeu de 1853 a 1856, na península da Crimeia, ao sul da Rússia, envolvendo o Império Russo e uma coalisão integrada pelo Reino Unido, a França, o Reino da Sardenha e o Império Otomano. De modo mais específico, a canção remete à Batalha de Balaclava, com ênfase na famosa Carga da Brigada Ligeira, uma cavalaria armada britânica, vital para a vitória na contenda. Todavia, usando os artifícios de diálogo entre história, música e literatura, a canção de Steve Harris dirige-se diretamente ao poema de Alfred Lord Tennyson, mostrando como diferentes linguagens artísticas reinterpretem um mesmo acontecimento histórico.

Nesse exercício, Meller (2018) aponta questões importantes, tais como: o imperialismo britânico, as noções de heroísmo poético e a construção da memória. A fluidez desta música permeia na possibilidade de visualização imagética do poema, o que lava ao dialogismo entre as duas manifestações de arte em diversos momentos tanto da letra da canção como do texto do poeta. Para Acosta e Pires-Santos (2015), ambos os escritos, mesmo sendo em épocas diferentes, não deixam explícito qual é o país ao qual a Brigada pertence, porém, isso é identificado diante do contexto de exposição das obras. No caso do Iron Maiden, Bruce Dickinson atua como elemento descortinador ao agitar nas apresentações do grupo a bandeira da Grã-Bretanha, já no poema, além do fato de ter sido escrito no ano da Batalha da Balaclava, o autor faz menção à Brigada Ligeira e aos seiscentos soldados que a integravam.

Por fim, a canção composta por Adrian Smith e Steve Harris, *Paschendale*, incluída no álbum “*Dance of death*” (Iron Maiden, 2003), alude diretamente à batalha homônima travada, em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, opondo a Tríplice Entente (Inglaterra, França e Rússia) contra o Império Alemão. Segundo o autor, trata-se de uma das composições mais densas da banda, pois enfatiza: o sofrimento humano, a violência das trincheiras, as memórias dos soldados e uma crítica contundente ao sentido da guerra.

Necessário destacar, antes de adentrar à catalogação das canções do Iron Maiden de panorama histórico por sua discografia, que a banda estabelece diálogos muito fecundos com obras literárias ou mesmo com narrativas religiosas de diversos matizes, ampliando suas possibilidades de diálogo com reflexões sócio-históricas da narrativa humana.

Além do já citado diálogo com o poema *The Charge of the Light Brigade*, de Alfred Tennyson, na canção *The Trooper*, o Iron Maiden já transitou em diálogo com a obra de Gaston Leroux, lançada em 1910, em *Phantom of the Opera*, no seu primeiro álbum (Iron Maiden, 1980). No álbum seguinte, foi a vez de Steve Harris homenagear Edgar Allan Poe com a canção *Murders in the Rue Morgue*, no álbum “*Killers*” (Iron Maiden, 1981). Em 1982, a música-título do álbum *The number of the Beast*, também composta por Steve Harris, fazia uma série de referências literárias e cinematográficas. No mesmo álbum de *The trooper*, o Iron Maiden lançou as composições de Steve Harris, *Where eagles dare*, fazendo menção ao romance homônimo de Alistair Maclean, e *To tame a land*, homenageando a saga Duna, de Frank Herbert, além de *Flight of Icarus*, aludindo ao mito grego de Ícaro e Dédalo, desta feita uma composição junto com Adrian Smith (Iron Maiden, 1983).

A canção *The Evil That Men Do*, composta por Adrian Smith, Steve Harris e Bruce Dickinson para o álbum “*Seventh Son of a Seventh Son*” (Iron Maiden, 1988), foi inspirada diretamente em um diálogo da peça *Julius Caesar*, de William Shakespeare, escrita em 1599. Também o título do álbum de 2000, “*Brave New World*” (Iron Maiden, 2000), refere-se diretamente ao clássico distópico de Aldous Huxley, publicado em 1932.

Não obstante todas essas referências (ainda há muitas mais em sua discografia), Poletti Neto (2016) destaca a magnitude do diálogo entre o Iron Maiden e o poeta romântico inglês, do século XVIII, Samuel Taylor Coleridge. Quando escreveu a história das agruras do jovem marinheiro em agonia permanente frente à grandeza do oceano, suas maravilhas, mas também sua prisão, em 1798. Não se imaginava que uma banda de Heavy Metal, quase 200 anos depois faria uma canção de mesmo nome e com a mesma potência de paixão, terror e esperança. *The rime of the ancient mariner* foi composta por Steve Harris em 1984, sendo uma pujante expressão do lirismo pesado da banca, apresentando às novas gerações, não apenas o poema, mas a potencialidade de pensar a existência humana (Iron Maiden, 1984).

Para Poletti Neto (2016, p. 115),

O Iron Maiden parece ter se apropriado de um cânone literário para figurar também as mudanças da sociedade pós-moderna e/ou contemporânea. [...] Assim como a exploração da classe trabalhadora afastava o homem do final do século XVIII de suas crenças e tradições, todos os eventos pós-modernos contribuíram para o “esmaecimento do afeto”, “descentramento do sujeito”, “fragmentação da experiência humana”, “falta de profundidade”, além da noção de “hiper-realidade” e o “fim da História”. Há, para Steve Harris e o Iron Maiden,

uma evidente necessidade de suprimir a fragmentação do indivíduo pós-moderno voltando-se àqueles que já alertavam a sociedade sobre as perdas de determinados valores e o enraizamento dos ideais científicos e racionalistas: os poetas românticos e os clássicos da literatura.

Isto posto, partimos da ideia que as canções do Iron Maiden podem funcionar como uma espécie de porta de entrada para o universo historiográfico, literário e cinematográfico, especialmente para seus jovens ouvintes que talvez não tenham contato direto com obras de historiadores, a densidade dos literatos ou mesmo os filmes, em uma era de oferta diluída pelos *streamings*.

O Iron Maiden conta História

O início dos anos 1980 já havia arrefecido a ferocidade do punk e fortalecido um novo gênero de música pop. As bandas fundadoras do hard rock haviam sido extintas (Led Zeppelin), ou haviam passado por reformulações profundas em sua formação original (Deep Purple e Black Sabbath). Porém já havia sinais de uma nova pujança do Heavy Metal para além da NWOBHM. Vindos da Alemanha, Scorpions e Helloween; da Inglaterra, o Motorhead; dos Estados Unidos, o Metallica. O Iron Maiden engatinhava. Seu primeiro single, *Running Free* é lançado em fevereiro de 1980, com um modesto sucesso. O produtor Rod Smallwood apostou na banda para lançar seu primeiro álbum homônimo em abril do mesmo ano. A recepção foi fria! (Wall, 2013).

Porém, a entrada em cena de Martin Birch, produtor com experiência em agenciamento de bandas como Deep Purple, Fleetwood Mac, Black Sabbath, Rainbow e Whitesnake, traz nova dinâmica à gravação do segundo álbum “*Killers*”, lançado em fevereiro de 1981, e faz uma turnê de estrondoso sucesso no Japão. As portas se abriam ao Iron Maiden.

Nesses primeiros álbuns com composições basicamente centradas no baixista Steve Harris, as canções convergiam à fantasia, literatura, terror, personagens fictícios e temas urbanos. Apenas uma música *Genghis Khan*, aludia a um personagem histórico, o imperador mongol do século XII. Porém, a música é totalmente instrumental, mas já sinalizava a sonoridade épica que trariam as canções históricas do Maiden, nos álbuns seguintes.

Contudo, o elemento mais relevante nesta primeira fase é a decadência evidente do seu vocalista Paul D’ianno. Segundo Wall (2013), Paul estava imerso em uma onda alucinante de álcool, fumo, cocaína e *speed* que afetavam duramente suas performances, quando elas aconteciam. Era necessário um outro vocalista.

Aqui se inicia a fase áurea da banda com a entrada de um novo guitarrista, Adrian Smith, e um novo vocalista, Bruce Dickinson. A banda ganhava dois novos compositores para aliviar a sobrecarga sobre Steve Harris, mas sobretudo, Bruce era um cantor de profundo

alcance vocal, operístico e um *performer* que catapultou o status da banda para o que se convencionou chamar de “rock de arena”. Bruce também era formado em História pela Queen Mary University, de Londres, com isso, a banda começou a diversificar suas composições adentrando com mais densidade ao que tentamos expor neste texto.

Em depoimento a Mick Wall (2013, p. 220), Martin Birch afirma a guinada:

Eu podia trabalhar muito mais facilmente com a voz de Bruce. Ele tinha um alcance bem maior e podia criar melodias que Paul não conseguiria. Então, com a entrada de Bruce, as possibilidades do novo álbum foram tremendamente expansivas. Paul simplesmente não daria conta do que Bruce fez e, por esse motivo, “*Number of the Beast*” foi a virada para o Iron Maiden.

Além dos aspectos artístico e musical, pela primeira vez, um álbum do Maiden trazia canções diretamente inspiradas em eventos históricos.

Duas composições de Steve Harris trazem temas diretamente históricos, a canção que abre o álbum, *Invaders* trata de forma contundente e violenta, o terror das invasões vikings à Inglaterra, descrevendo a chegada dos nórdicos com seus grandes navios, a impotência da população e o massacre dos saxões. Por sua vez, *Run to the hills* (que abre as argumentações deste artigo) aborda a violência e a crueldade da colonização das Américas e o extermínio dos povos ameríndios. A canção alterna-se nas perspectivas narrativas, ora com os nativos denunciando a chegada do homem branco que trouxe a morte das pessoas e suas crenças, além de usurpar os recursos naturais, ora sob a perspectiva dos invasores, desvelados em sua crueldade e racismo (Iron Maiden, 1982).

No álbum seguinte, a entrada do baterista Nicko McBrain solidificará a formação clássica e mais longeva da banda. O álbum “*Piece of mind*” mantém a sonoridade do anterior e traz novas abordagens históricas. Na abertura, a canção *Where eagles dare*, se baseia em um romance ficcional de Alistair Maclean, que se passa durante a Segunda Guerra Mundial, em uma operação na qual soldados aliados têm de escalar uma montanha para cumprir uma missão altamente secreta. Além da já mencionada *The trooper*, Steve Harris compôs *Quest for fire*, na qual nos faz mergulhar em um período pré-histórico, acompanhando hominídeos que percorrem territórios perigosos em busca do fogo. Nesta canção, o fogo aparece como um recurso fundamental para a sobrevivência, associado ao calor, à luz e à própria manutenção da vida, incluindo conflitos e batalhas com outros grupos sociais. O primeiro grande desafio humano, desde as narrativas mitológicas, domar o fogo se revelou nossa narrativa de sobrevivência e conflito. Na sequência, uma composição de Adrian Smith e Bruce Dickinson, *Sun and steel*, nos apresenta a vida, a filosofia e a trajetória do lendário espadachim japonês Miyamoto Musashi, que viveu entre os séculos XVI e XVII, conciliando brutalidade e espiritualidade em busca da iluminação (Iron Maiden, 1983).

A historicidade latente no “*Piece of mind*” é atrelada ao conjunto de fatores que levaram os discos do Iron Maiden em direção aos fatos históricos, e sem dúvidas, a formação intelectual e acadêmica de seus integrantes contribuíram para isso. A faixa *Revelations* (Dickinson) é uma metonímia do “pedaço do cérebro” que fomenta o jogo de palavras do disco, a presença de biografias, referências cinematográficas e acontecimentos históricos está intimamente ligada ao vocalista e letrista da banda, historiador, leitor assíduo e contínuo de obras clássicas da literatura mundial, inclusive sua própria biblioteca serviu de fonte de pesquisas para suas múltiplas composições (Gomes; Reis; Abrão, 2022).

No ano de 1984, o Iron Maiden lança seu álbum “*Powerslave*” com uma temática claramente histórica já na capa do álbum, bem como no palco que será montado para a turnê mundial: uma imensa pirâmide egípcia com o rosto de Eddie, a mascote da banda, entronizado como faraó! O álbum já abre com a mencionada *Aces High* tratando dos combates aéreos entre a Royal Air Force britânica e a Luftwaffe alemã. A introdução utiliza a voz de Winston Churchill, primeiro-ministro britânico em 1940, de modo tão grandiloquente que se tornou a abertura de toda a turnê pelos anos seguintes. A letra acompanha os pilotos desde o momento do alerta para o ataque até a preparação e realização do combate aéreo. A performance da banda em shows posteriores incluirá réplicas perfeitas das aeronaves britânicas do combate. Na sequência, *2 minutes to Midnight*, de Adrian Smith e Bruce Dickinson, é um bom exemplo do que chamaríamos de História do Tempo Presente, posto que trata de um processo em curso, na iminência de acontecer. A canção remete ao *Doomsday Clock* ou o “Relógio do Juízo Final”, aquele que narra os minutos faltantes para a meia-noite da aniquilação global pelas bombas nucleares. Em *The duellists*, Steve Harris trata da estupidez humana por meio da rivalidade prolongada e sem sentido entre dois oficiais do exército francês durante as guerras napoleônicas. Por fim, a faixa-título, composta por Bruce Dickinson, é uma reflexão sobre o poder e sua efemeridade. Não aborda um período ou uma personagem específica, mas trata dos momentos finais da vida de um faraó no Egito Antigo que entra em conflito com a inevitabilidade da morte: como pode um Deus, morrer? (Iron Maiden, 1984).

Retomando a faixa *2 minutes to Midnigh*t (Smith e Dickinson) um ponto de forte reflexão do presente histórico que a banda vivenciou no século XX é a constante relação da Guerra Fria com a política e a sociedade britânica, vê-se nessa música a preocupação com iminência de um conflito internacional e as ações neoliberais de Margareth Thatcher que implicariam em diversas crises nos trabalhadores da Inglaterra. A resposta da banda era de forma veemente e fervorosa.

Como um grito de protesto apontando as raízes da Guerra Fria, a música *2 minutes to midnight*, em dada medida, reagia, de maneira violenta, àquilo que a banda entendia ser o

alimento de uma arquitetura política, a qual acabava por promover a manutenção de um constante estado de guerra, medo e terror (Lopes Filho, 2023, p. 73).

Após dois longos anos de uma turnê extensiva, a banda promove uma mudança radical em sua sonoridade, com o uso de sintetizadores nas guitarras, bem como de temática pois todo o álbum "*Somewhere in time*" passa pelo debate da relação da humanidade com o tempo. A única canção com temática histórica foi composta por Steve Harris, a já citada *Alexander, the Great*. A canção apresenta uma narrativa extensa sobre a vida e as conquistas do governante macedônio. Segundo observa Meller (2018), a composição possui um caráter predominantemente didático, organizando os acontecimentos de maneira semelhante a uma biografia. Em uma típica narrativa gloriosa de grandes personagens associados ao heroísmo, conquista e superação de todas as adversidades, a canção menciona seu nascimento na Macedônia, sua ascensão ao poder, suas conquistas militares, as batalhas contra os persas, a fundação de Alexandria, a conquista de Persépolis, o episódio do nó górdio e sua morte na Babilônia.

No álbum seguinte, o Iron Maiden mantém a sonoridade inovadora, adicionando teclados, bem como estabelecendo uma lógica conceitual na obra perfazendo canções cujos temas perpassavam pela espiritualidade, o sobrenatural, as profecias e o destino, sem qualquer canção permeando temas históricos (Iron Maiden, 1988).

No ano de 1990, o Maiden busca retornar às suas raízes, ainda que sofrendo uma nova fratura na banda com a saída de Adrian Smith e a entrada de Janick Gers. O álbum irregular denominado "*No prayer for the dying*" apresentou quatro canções com abordagens históricas: *Tailgunner*, trata da rotina brutal, do medo e do sacrifício dos artilheiros de cauda nos aviões-bombardeiros aliados durante a Segunda Guerra Mundial, destacando ataques aéreos na Alemanha, principalmente em Frankfurt e Colônia; na mesma toada, *Run silent, run deep* mostra a tensão, o medo e a claustrofobia vividos por tripulações de submarinos durante a mesma guerra; *Holy smoke* é mais um exemplo de crítica do tempo presente, pois elabora críticas à hipocrisia e à exploração financeira de televangelistas que ocorreram nos Estados Unidos no final dos anos 1980, de modo especial fazendo menções satíricas a personagens denominados "Jimmy the Reptile" e "The TV Queen" (claras alusões aos televangelistas Jimmy Swaggart e Tammy Faye Bakker). As três composições foram feitas pela parceria de Steve Harris e Bruce Dickinson. Por fim, *Mother Russia*, canção de Steve Harris, reflete sobre o colapso do sistema socialista soviético com suas reformas políticas lideradas por Mikhail Gorbachev. A canção é esperançosa para com o povo russo ao evocar seu passado grandioso, porém sofrido, enfrentando séculos de invasões, guerras e dificuldades políticas e econômicas (Iron Maiden, 1990).

Em 1992, um álbum duplo denominado "*Fear of the dark*" encerrou a fase clássica da

banda. Nesta obra apenas duas canções podem ser incluídas enquanto referências a uma história do tempo presente: *Fear is the key*, uma parceria de Dickinson e Janick Gers, problematizava o medo social promovido com a descoberta do vírus HIV, disseminando preconceitos e violência; e a composição de Steve Harris, *Afraid to shoot strangers*, uma clara alusão à Guerra do Golfo, iniciada no ano anterior, pela ótica do soldado solitário enviado a uma guerra sem propósito, na qual não há apenas o medo de morrer, mas a culpa de ter de tirar a vida de pessoas desconhecidas sem qualquer tipo de remorso. O álbum é um sucesso estrondoso, promove uma longa turnê mundial que se torna também, a última do vocalista Bruce Dickinson.

Após um hiato de três anos, o Iron Maiden lança “*The X Factor*”, um novo álbum, desta feita com Blaze Bayley nos vocais. Uma obra mais sombria, febril e de atmosfera carregada, desvelando um pouco do ambiente interno da banda, se adequando aos novos tempos. Algumas canções fazem alusão aos horrores das guerras e impactos sobre os indivíduos, mas apenas *Blood on the World's Hands* refere-se especificamente a um fato histórico, no caso a Guerra da Bósnia. Nesta composição de Steve Harris, o baixista se horroriza com a inércia do mundo ante aos massacres e tragédias perpetrados pela humanidade. O título da canção, também seu refrão (Sangue nas mãos do mundo) funciona como uma metáfora da responsabilidade compartilhada por toda a humanidade com a barbárie (Iron Maiden, 1995).

Mais três anos de preparação e o Iron Maiden lançou “*Virtual XI*”, com a mesma formação anterior. Há duas canções de forte acento histórico. A mais famosa é *The Clansman*, baseando-se livremente na história de William Wallace, o líder clânico que lutou, no século XIII, pela independência da Escócia da dominação inglesa. Na sequência, a canção de Blaze Bayley e Janick Gers, *Como estais amigo?*, composta como homenagem aos soldados que perderam a vida, de ambos os lados, durante a Guerra das Malvinas (*Falklands*) em 1982, envolvendo a Argentina e o Reino Unido.

Após esses dois discos, a popularidade da banda decaiu, passou a tocar em espaços menores, seus integrantes passavam por problemas pessoais e precisava se reinventar. Fato é que, apesar de toda a competência, Blaze Bayley não atendia à paixão dos fãs da banda. Era necessário recomeçar. O recomeço se deu com a volta da formação clássica, agora com três guitarristas. Adrian Smith retornou e o anúncio da volta de Bruce Dickinson, então com uma carreira-solo consolidada foi como o renascer de uma fênix.

“*Brave new world*”, lançado em 2000, foi o maior sucesso da banda em décadas. É uma volta às origens da banda, com uma sonoridade tangenciando para o rock progressivo e com letras melancólicas e existências. As canções têm relação com obras literárias, mas nenhuma canção que trate especificamente de eventos ou figuras históricas.

Em 2003, o Iron Maiden lança “*Dance of death*”. Neste álbum há duas canções

claramente históricas: a primeira é *Montségur*, composta por Harris, Dickinson e Janick Gers, que trata do massacre dos cátaros (cristãos medievais de ascese extrema), no século XIII durante a Cruzada Albigense, no sul da França. O Castelo de Montségur serviu como refúgio e capital para os cátaros, até que a Igreja Católica, considerando-os hereges, tomou a fortificação e matou a todos na fogueira. A segunda é a já referenciada canção *Paschendale*, sobre a batalha homônima ocorrida na Primeira Guerra Mundial.

“*A matter of life and death*”, lançada em 2006, talvez seja o álbum com mais canções com referências históricas já produzido pelo Iron Maiden. A começar por sua capa, com um tanque de guerra em movimento conduzido e ladeado por mortos-vivos. Três canções tratam de eventos muito específicos. A primeira é *Brighter Than a Thousand Suns* (Smith, Harris e Dickinson) que aborda a construção, no âmbito do Projeto Manhattan, da bomba atômica, seu uso sobre Hiroshima e Nagasaki, destacando os perigos desse poder destrutivo. A segunda é *The longest day* (Smith, Harris e Dickinson), que trata do desembarque aliado na Normandia, em 6 de junho de 1944, no episódio que ficou conhecido como Dia D. Como um claro aparato cinematográfico imagético, tal como visto no filme “*O resgate do soldado Ryan*”, dirigido por Steven Spielberg, em 1998, o ouvinte é levado ao conflito bélico pelas ondas sonoras e pela composição. Em determinado momento, a canção mergulha na praia, nos corpos baleados e nas almas dos soldados: “A praia inimiga amanhece cinza e enevoadas / Estas infelizes almas vomitam, se tremem de medo / Para ser baleado por aqueles que os enviaram aqui” (Duarte; Modaneze, 2021). Já *The Pilgrim* (Gers e Harris) narra a perigosa viagem dos peregrinos puritanos a bordo do navio Mayflower rumo à América do Norte em 1620. Por sua vez, de maneira mais genérica e abrangente, *These Colours Don't Run* (Smith, Harris e Dickinson) trata da partida de jovens para o campo de batalha, destacando a lealdade à Pátria e aos companheiros de farda, mas com uma profunda crítica e reflexão acerca da estupidez da guerra (Iron Maiden, 2006).

A partir deste álbum, os hiatos de produção do Iron Maiden se tornam maiores, principalmente devido às extensas turnês mundiais. Em 2010 portanto, a banda lança “*The final frontier*” transitando por temas futuristas e problematizando os avanços tecnológicos. Não obstante há três canções com temáticas históricas. *El Dorado* (Smith, Harris e Dickinson) se baseia no mito da cidade perdida de ouro, incrustada nas selvas da América Central, como uma crítica ácida à ganância, às falsas promessas econômicas e aos aproveitadores que manipulam a sociedade em períodos de crise, considerando também o extermínio dos ameríndios provocados pela “febre do ouro”. Já *Mother of Mercy* (Smith e Harris) não se baseia em um episódio específico, mas reflete sobre os contextos de guerra, explorando seus horrores, a culpa e a busca por redenção através da perspectiva de um soldado no front. O protagonista da canção presencia destruição em massa, questionando o sentido daquele

sofrimento e se suas ações de matar foram moralmente corretas. Por fim, *The alchemist* (Gers, Harris e Dickinson) retrata a vida e a trajetória de John Dee, um famoso matemático, astrônomo e astrólogo inglês do século XVI que atuou como conselheiro da Rainha Elizabeth I (Iron Maiden, 2010).

Cinco anos depois há uma nova mudança na banda no que se refere à sua estrutura de produção. Com a falência da EMI, gravadora que tinha produzido todos os álbuns do Maiden, a banda assinou com a Parlophone Records e lançou o álbum duplo, "*The Book of souls*". Há três canções de amplo destaque, a canção homônima do álbum, *The Book of Souls* (Gers e Harris) explora a relação entre poder, espiritualidade e mortalidade nas civilizações antigas, com forte inspiração nas culturas maia e asteca. Para tais povos, as ações e a alma de uma civilização ou indivíduo compõem um registro eterno — o verdadeiro "livro das almas". Por sua vez, *Death or Glory* (Smith e Dickinson) nos transporta para as ações dos pilotos de caça da Primeira Guerra Mundial, especificamente sob a ótica de Manfred Von Richthofen, o famoso "Barão Vermelho". Por fim, o Maiden grava sua mais extensa canção, com 18 minutos de duração, *Empire of the Clouds* (Dickinson) conta a história real da queda do dirigível britânico R101, que ocorreu em outubro de 1930 e resultou na morte de 48 pessoas. A canção traduz uma das paixões de Bruce Dickinson, a aviação (Iron Maiden, 2015).

Novo longo hiato de seis anos, o Maiden lança outro álbum duplo, demonstrando a pujança e inspiração de seus membros. "*Senjutsu*" é uma homenagem ao Japão, o país com mais fãs do Iron Maiden ao redor do mundo. Duas canções têm caráter histórico: *Lost in a lost world* (Harris) é uma nova investida da banda sobre o extermínio dos povos originários nos Estados Unidos, como uma reflexão profunda sobre perda, ancestralidade, destruição cultural, de suas terras e tradições pelos colonizadores; *Darkest hour* (Smith e Dickinson) retrata a solidão, a coragem e o peso das decisões enfrentadas por Winston Churchill ao não negociar acordos de paz com Hitler durante a Segunda Guerra Mundial (Iron Maiden, 2021). O título remete ao livro "*A Arte da Guerra*", de Sun Tzu, sendo a faixa principal do disco em forte alusão às táticas militares e um mergulho na filosofia japonesa. Já na faixa *Stratego* (Gers e Harris) a banda remete ao jogo de tabuleiros militar, onde o principal objetivo é conquistar a bandeira do inimigo e defender o seu estandarte. As estratégias bélicas presentes remontam a conquistas japoneses durante a Guerra da Manchúria e batalhas contra os Impérios da China e Mongólia.

Nesses 50 anos de história, a profusão e canções do Maiden que percorrem a História confirmou-se em uma tradição intencional conforme revela o próprio Bruce Dickinson:

Há narrativas incríveis no curso da história da humanidade que traçam paralelos com os dias modernos, particularmente quando a história se repete com frequência; esses episódios iluminam nossa existência. Da forma como vejo, se for roubar algo para ser a base

lírica de uma canção, ao menos roube algum tema que realmente aconteceu, em vez de inventar algum épico de capa e espada porcária (Wall, 2013, p. 377).

Considerações finais

Após todo este percurso, podemos inferir que o Iron Maiden construiu uma tradição de refletir sobre a História, dando voz e visibilidade a grandes personagens históricos, mas também a indivíduos anônimos envolvidos no calor dos acontecimentos. Da pré-história ao mundo contemporâneo, passando por grandes contendas da antiguidade, pelas cruzadas medievais e por conflitos revolucionários no nascedouro da modernidade, suas canções nos colocam, como ouvintes, no centro das experiências pessoais dos que vivem situações de guerra, condenação e morte.

Essa estratégia permite uma interpretação da História que não se limita aos grandes acontecimentos ou às figuras políticas e militares, mas também considera as experiências individuais daqueles que participaram desses processos. Suas melodias épicas e grandiosas traduzem reflexões densas, impactantes e dramáticas. As performances registradas nos álbuns, mas sobretudo aquelas expressas nos palcos repercutem nas guitarras distorcidas e melódicas de Adrian Smith, Dave Murray e Janick Gers, na bateria pulsante de Nicko McBrain, no baixo marcante e poderoso de Steve Harris, bem como nos vocais intensos e na performance teatralizada de Bruce Dickinson, transmutando-se em atmosferas convergentes às narrativas de violência, sofrimento, heroísmo e morte. As canções do Iron Maiden constroem significados outros e reflexivos sobre eventos históricos concretos e, ao que parece, pelas palavras de seu fundador Steve Harris, permanecerão por muitos anos ainda:

Sobrevivemos a incontáveis tendências. Sobrevivemos ao estilo disco, trash, new wave, grunge, nu metal, e ainda estamos aqui. Não sei como funciona, se são os irmãos mais velhos ou até mesmo os pais que passam nosso som para a molecada, mas fico feliz que isso aconteça. Vejo fãs mais jovens com nossas camisetas do Maiden que nem tinham nascido quando gravamos o primeiro álbum... ou até mesmo o *No prayer for the dying*; e isso é assustador (Wall, 2013, p. 371).

O Iron Maiden tem ensinado História há muitos anos e permanecerá, seguindo a atual potência e vigor de seus álbuns e turnês, incentivando as novas gerações a refletir sobre os diversos processos históricos da humanidade.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, J.L.S.; PIRES-SANTOS, M.E. O dialogismo na canção “The Trooper” da banda *Iron Maiden*. **Temática**, João Pessoa, n. 11. novembro/2015. p. 210-224.
- ADORNO, T. **Indústria Cultural e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. 20

ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BARROS, J. D. **A Fonte Histórica e o seu lugar de produção**. Petrópolis: Vozes, 2020.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

BOURDIEU, P. **A Distinção**: Crítica Social do Julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2007.

DUARTE, G.; MODANEZE, L. O Iron Maiden através das guerras: uma relação entre Música e História, Parte I. **Taverna do Bloch**, São Paulo: Emancipraxis Livraria, 24 jan. 2021. Disponível em: O Iron Maiden através das guerras: uma relação entre Música e História, Parte I – Taverna do Bloch . Acesso em: 7 ago. 2025.

GOMES, N.S.; REIS, G.S.; ABRÃO, D. Distopias apocalípticas segundo Iron Maiden: representações religiosas na canção Revelations. **NUMEN**: Revista de Estudos e Pesquisas da Religião. Vol. 25, n. 2, 2022. p. 165-188.

IRON MAIDEN. **Iron Maiden**. São Paulo: EMI, 1980. 1 CD.

IRON MAIDEN. **Killers**. São Paulo: EMI, 1981. 1 CD.

IRON MAIDEN. **The number of the Beast**. São Paulo: EMI, 1982. 1 CD.

IRON MAIDEN. **Piece of mind**. São Paulo: EMI, 1983. 1 CD.

IRON MAIDEN. **Powerslave**. São Paulo: EMI, 1984. 1 CD.

IRON MAIDEN. **Live after death**. São Paulo: EMI, 1985. 2 CD.

IRON MAIDEN. **Somewhere in time**. São Paulo: EMI, 1986. 1 CD.

IRON MAIDEN. **Seventh son of seventh son**. São Paulo: EMI, 1988. 1 CD.

IRON MAIDEN. **No prayer of the dying**. São Paulo: EMI, 1990. 1 CD.

IRON MAIDEN. **Fear of the dark**. São Paulo: EMI, 1992. 2 CDs.

IRON MAIDEN. **The X Factor**. São Paulo: EMI, 1995. 1 CD.

IRON MAIDEN. **Virtual XI**. São Paulo: EMI, 1998. 1 CD.

IRON MAIDEN. **Brave new world**. São Paulo: EMI, 2000. 1 CD.

IRON MAIDEN. **Dance of death**. São Paulo: EMI, 2003. 1 CD.

IRON MAIDEN. **A matter of life and death**. São Paulo: EMI, 2006. 1 CD.

IRON MAIDEN. **The final frontier**. São Paulo: EMI, 2010. 1 CD.

IRON MAIDEN. **The book of souls**. São Paulo: Parlophone Records, 2015. 2 CDs.

IRON MAIDEN. **Senjutsu**. São Paulo: Parlophone Records, 2021. 2 CDs.

LOPES FILHO, A.R.I. Iron Maiden, o relógio do juízo final e a Guerra Fria. In: LOPES FILHO, A.R.I.; MARCELLO NETO, M.; KRÜGER, F.R. (Org.). **História em Aula**: práticas através das mídias. v. 2. Porto Alegre: Dokan, 2023, p. 66-77.

MELLER, L. **Iron Maiden**: uma jornada através da história. Curitiba: Appris, 2018.

MUGGIATI, R. **Rock**: da utopia à incerteza (1967-1984). São Paulo: Brasiliense, 1985.

POLETTI NETO, W. **“The rime of the ancient mariner” em diferentes narrativas**. 2016. 162 f. Dissertação (Estudos de Literatura) – Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

VIEIRA, F.A. Iron Maiden: história, música e imagem. **Caminhos da História**, Montes Claros, v. 22, n. 1, 2017. p. 123-151.

WALL, M. **Run to the Hills**: a biografia autorizada. Campinas: Generale, 2013.